

Frantomé B. Pacheco
(USP/FAPESP)

Elipse e reiteração em textos Ikpeng (Karíb)*

ABSTRACT

This work aims to present an analysis of referentiation processes in Ikpeng's narratives, contrasting the employment of pronouns, ellipsis and NP reiteration in the access to an antecedent NP. We follow the accessibility hierarchy as proposed by Ariel (1990, 1994, 1996) and Givón (1983, 1995), arguing that ellipsis and reiteration are the extremes of a scale that presents the pronoun intermediately. It will be shown that ellipsis is the strategy preferred in the processes of NP retaking, and that reiteration, less common, is employed not only to access an antecedent NP, but also to mark it stylistically, keeping the narrative focus on it. From the syntactic-structural point of view, the reiterated NP occurs in non-marked position and works discursively as a non-marked topic. The use of pronouns, particularly demonstratives, occurs in very specific contexts, like those constructions in which the verb or auxiliary is not the predicative nucleus.

KEYWORDS: Ikpeng (Carib); Ellipsis, Reiteration; Antecedent NP; Accessibility hierarchy.

RESUMO

Este artigo pretende oferecer uma análise para o processo de referenciação em narrativas da língua Ikpeng, contrastando o emprego da elipse (\emptyset), do pronome e da reiteração do SN no acesso ao SN antecedente. A análise é realizada tomando como base a hierarquia de acessibilidade, conforme proposta por Ariel (1990, 1994 e 1996) e Givón (1983 e 1995), defendendo-se a idéia de que a elipse e a reiteração são os pólos de uma escala que apresenta, intermediariamente, o pronome. Será demonstrado que a elipse é a estratégia preferida nos processos de retomada do SN e que a reiteração, menos usual, é empregada não apenas para acessar o antecedente, mas para marcá-lo estilisticamente, mantendo sobre ele o foco da narrativa. Do ponto de vista sintático-estrutural, o SN reiterado apresenta como traço a sua realização na posição não-marcada, funcionando, discursivamente, como tópico não-marcado. Já o uso de pronomes, em particular os demonstrativos, dá-se em contextos muito específicos, como as construções em que o elemento verbal ou auxiliar não é o núcleo predicativo.

PALAVRAS-CHAVE: Ikpeng (Caribe); Elipse; Reiteração; SN antecedente; Hierarquia de acessibilidade.

* Texto resultante da pesquisa de Pós-Doutorado desenvolvida junto à FFLCH da USP, com financiamento da FAPESP (Processo: 01/13946-2), sob a supervisão do Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto. Endereço eletrônico: frantome@uol.com.br.

0. INTRODUÇÃO

A língua Ikpeng, conhecida por ‘Txikão’, pertence à família Karíb e é falada por uma população de trezentas e dezenove pessoas que habitam nas proximidades do Posto Indígena Pavuru, Parque Indígena do Xingu-MT¹.

O trabalho visa discutir a elipse e a reiteração de SNs nos textos Ikpeng, demonstrando que a elipse se contrapõe à reiteração do SN antecedente, e que ambas podem ser entendidas a partir de uma hierarquia de acessibilidade que coloca em um extremo a elipse (ou anáfora Ø), relacionada à alta acessibilidade, e noutra o SN reiterado / repetido, relacionado à baixa acessibilidade, estando os pronomes demonstrativos, que funcionam como terceira pessoa, numa posição intermediária.

O material analisado é composto por textos escritos em Ikpeng durante as atividades de língua indígena realizadas na escola Ikpeng e durante os cursos de formação de professores da aldeia; textos orais coletados durante a convivência do autor com os Ikpeng; e textos orais transcritos². Esse material foi obtido durante os anos de 1994 e 2000, e muitos dos textos aqui presentes estão no material de alfabetização e leitura produzido pelos professores Ikpeng, publicado pelo ISA / FUNAI (Professores Ikpeng, 2001). Como estamos diante de uma sociedade de tradição oral e sendo a escrita do Ikpeng uma atividade recente, não foram estabelecidas diferenças no uso da elipse e da reiteração nas modalidades oral e escrita, investigação esta que poderá ser feita futuramente.

A noção de texto assumida neste trabalho é a proposta pela Lingüística Textual (Marcuschi, 1983: 11)³:

[Texto] não é uma configuração produzida pela simples união de morfemas, lexemas e sentenças, mas o resultado de operações comunicativas e processos lingüísticos em situações comunicativas. Um texto está submetido tanto a controles e estabilizadores internos e externos, de modo que uma LT [Lingüística Textual] razoável não deve considerar a estrutura lingüística como fato único para a produção, estabilidade e funcionamento do texto. Nem se pode tratar o texto simplesmente como uma unidade maior que a sentença, pois ele é uma entidade de outra ordem na medida em que é uma ocorrência na comunicação.

¹ A língua conta com trabalhos sobre a fonologia segmental realizados por Emmerich (1980 e 1994), duas dissertações (Pacheco, 1997) e (Campetela, 1997), uma tese sobre a gramática (Pacheco, 2001) e outra sobre a prosódia (Campetela, 2002). Há também artigos discutindo aspectos particulares da morfossintaxe e fonologia da língua (cf. referências em Pacheco, 2001). Mais informações sobre os Ikpeng podem ser obtidas no trabalho de Menget (2001) e no site do Instituto Socioambiental: <www.socioambiental.org>.

² Os textos de conversação foram obtidos em períodos que variaram entre 15 e 30 dias de permanência junto à comunidade (ao todo, oito viagens ao Parque). Muitos deles foram obtidos informalmente, durante a visita de alguns Ikpeng à cidade de Campinas, em setembro de 1994 e setembro de 1995.

³ Informações sobre a noção de texto no âmbito da Lingüística Textual podem ser obtidas em Koch (2002).

O artigo está assim organizado: na seção 1, são apresentadas algumas informações gramaticais sobre o sistema de pronomes pessoais e demonstrativos, bem como sobre a possibilidade de apagamento ou não de SNs em orações independentes; na seção 2, apresentam-se textos em que são encontradas situações envolvendo elipse e reiteração de SNs previamente citados; na seção 3, discutem-se esses processos de retomada a partir de uma hierarquia de acessibilidade que relaciona o apagamento do SN à sua alta acessibilidade e sua reiteração à baixa acessibilidade; na seção 4, apresentam-se as considerações finais.

Na transcrição dos exemplos, emprega-se o sistema de grafemas que os Ikpeng utilizam na escrita da sua língua, exceto quando forem apresentadas informações morfo-fonológica sobre os dados⁴.

1. INFORMAÇÕES GRAMATICAS PRELIMINARES

Esta seção tem por objetivo apresentar algumas informações sobre a morfossintaxe Ikpeng consideradas relevantes para a compreensão do fenômeno aqui estudado. A seguir, são apresentadas informações sobre o funcionamento do sistema pronominal da língua.

1.1. Sistema pronominal

O sistema pronominal pode ser dividido em três subsistemas:

A) Pronomes pessoais independentes⁵

Os pronomes pessoais independentes são formas gramaticais livres e desempenham as funções S, A e O na oração básica ou independente. Não foram encontrados casos em que tais formas desempenhassem funções oblíquas:

⁴ Símbolos empregados na transcrição dos dados, seguidos dos respectivos exemplos: **p** (*petkom* [pet' kom] 'mulher'); **t** (*tae* [t' tae] 'macaco'); **k** (*kuto* [ku' tɔ] 'sapo'); **g** (*gegí* [ge' gi] 'meu animal de estimação'); **tx** (*txitxi* [tʃi' tʃi] 'sol'); **m** (*muy* [muj] 'canoa'); **n** (*nuno* [nu' nɔ] 'lua'); **ng** (*arayngmo* [araɲi' mɔ] 'minhoca'); **r** (*rere* [re' re] 'morcego'); **l** (*luli* [lu' li] 'bodozinho'); **w** (*wayo* [wa' jo] 'cuia'); **y** (*yay* [jaj] 'árvore'); **a** (*atkm* [at' kun] 'milho'); **e** (*egepak* [ege' pak] 'tucunaré'); **o** (*opo* [ɔ' pɔ] 'borduna'); **i** (*ipiya* [ipi' ja] 'castanha'); **i** (*inot* [i' no t] 'pequi'); **u** (*ugwon* [u' guon] 'homem').

Abreviaturas utilizadas no trabalho: A: sujeito de verbo transitivo/agente; ANI: animado; ASP: aspecto; ATR: atributivo; COL: coletivo; CONT: continuativo; DAT: dativo; DIS: distante; EXIST: existencial; FIN: finalidade; ITER: iterativo; LOC: locativo; NEG: negativo; NMZ: nominalização; NPAS: não-passado; O: objeto; OBJ: objeto; P: paciente; PART: partícula; PAS: passado; PERG: pergunta; PG: prefixo geral; PN: passado nominal; POSP: posposição; PL: plural; REC: passado recente; REF: reflexivo; RESP: resposta; S: sujeito de verbo intransitivo; SG: singular; SUBR: subordinador; SUJ: sujeito (termo geral); TV: tempo verbal; TN: tempo nominal; 1: primeira pessoa; 2: segunda pessoa; 3: terceira pessoa; 1+2: primeira inclusiva; 1+3: primeira exclusiva.

Pessoa	Pronome Pessoal	
	Singular	plural
Primeira	uro	
Segunda	omro	omro-ngmo
Primeira inclusiva	ugro	ugro-ngmo
Primeira exclusiva	tximna	

Quadro 1: Pronomes pessoais independentes

Os pronomes independentes podem ser apagados quando ocorrem os prefixos pessoais. Quando estes não ocorrem, é necessária a sua realização, conforme se observa em (1b):

- (1) a. *k-otupi-li*
 I-saciar-REC '[Eu] estou saciado'
- b. *t-otupit uro*
 PG-saciar eu 'Eu estou saciado'

O uso de **uro** em (1a) é desnecessário, porque a primeira pessoa está marcada através do prefixo **k-**. Em (1b), a realização de **uro** é necessária, porque não aparece o prefixo pessoal **k-**⁶. Dessa forma, no segundo caso, a omissão de **uro**, pronome de primeira pessoa, criaria um problema de reconhecimento da pessoa envolvida.

B) Formas pronominais presas

Os prefixos pessoais ou formas pronominais presas indicam no verbo as pessoas gramaticais (a primeira, a segunda, a terceira e a primeira inclusiva). Seu aparecimento implica a não realização dos pronomes independentes.

Há duas séries de prefixos pessoais: a *Série I* indica o sujeito dos verbos transitivos e intransitivos ativos (inergativos); a *Série II* indica o objeto dos verbos transitivos, o sujeito dos verbos inativos (inacusativos), objeto pronominal da posposição e a pessoa do possuidor. Nas construções relativas, esta série indica uma das pessoas do verbo transitivo. A *Série II* se subdivide em duas outras: A) *V/CV*: diante de radicais iniciados por consoantes; e B) *CVC*: diante de radicais iniciados por vogais. Abaixo, apresenta-se um quadro com as formas pronominais prefixadas, seguido de alguns exemplos que mostram seu emprego na classe de verbos intransitivos:

⁶ O prefixo geral (PG) **ti ~ t-** não se refere a nenhuma pessoa em particular. Ele apenas indica que há um argumento, que pode ser representado por qualquer pessoa (Derbyshire, 1985).

Pessoa	Série I (ativa)	Série II (inativa)	
		A. Diante de radicais V-iniciais	B. Diante de radicais C-iniciais ⁷
1	k -	g -	ĩ -
2	m -	w -	o -/ a -
1+2 [INC]	kut - ⁸	ugw -	wĩ -/ uk -
3	Ø -	y -	i -/ e -

Quadro 2: Prefixos pessoais

⁷ As alternâncias encontradas na Série II-B (Pacheco, 2001) são:

Alomorfe	Contexto	Exemplos	
o -	diante de consoante diante da vogal /e/	a) o-pu-n b) o-eprum-li	'teu pé' 'Você sorriu'
a -	diante de consoante seguida da vogal /a/ (harmonia vocálica)	c) a-laglu-Ø	'tua saliva'
wĩ -	diante de consoante não-oclusiva	d) wĩ-mta-n	'tua palavra'
ung -	diante de consoante nasal (encontrada em alguns nomes)	e) ung-mano-Ø	'nosso irmão'
uk -	diante de consoante oclusiva (em alguns nomes)	f) uk-pari-Ø	'nosso amigo'
ugu -	diante de consoante, inclusive a nasal (em alguns nomes)	g) ugu-me-Ø	'nosso pai'
i -	diante de consoante	h) i-pu-n	'pé dele'
e -	diante de consoante seguida de /a/ (harmonia vocálica)	i) e-mtagri-Ø	'comida dele'

Note-se que as marcas **-n** e **-Ø** nos nomes possuídos indicam a categoria de posse. O sufixo **-li**, no verbo em (b), indica passado recente.

⁸ O morfema **kut-** apresenta os seguintes alomorfes: i) **kut-** diante de consoantes (**kut-poN-li** 'Nós o encontramos'); ii) **kutx-** diante da vogal /i/ (ma **kutx-ip-ta** 'Vamos tomar banho'); iii) **kur-** diante das demais vogais (**kur-origu-li** 'Nós dançamos'). Diante da vogal /a/, o morfema **kut-** se realiza como **kw-**, pois há queda do segmento /t/, foneticamente [r] (cf. **kw-aranme-li** 'Nós correremos').

(2) i) Verbo intrans. Ativo	ii) Verbo intransitivo estativo	
	A) Radical V-inicial	B) Radical C-inicial
a. k- aranme-li 'Eu corri'	e. g- aginum-li 'Eu chorei'	i. ĩ- lakteke-li 'Eu cuspi'
b. m- aranme-li 'Você correu'	f. w- aginum-li 'Você chorou'	j. a- laktetke-li 'Você cuspiu'
c. kw- aranme-li 'Nós corremos'	g. ugw- aginum-li 'Nós choramos'	l. wĩ- lakteke-li 'Nós cuspimos'
d. Ø- aranme-li 'Ele correu'	h. y- aginum-li 'Ele chorou'	m. i- laktetke-li 'Ele cuspiu'

Quando os prefixos pessoais ocorrem em verbos transitivos, eles indicam os dois argumentos verbais (*A* e *O*) ao mesmo tempo, apesar de podermos detectar, a partir de uma análise mais minuciosa, que apenas uma das funções transitivas ocorre marcada (essa análise alternativa está em Pacheco, 2001)⁹:

- (3) i) **k-** : 1^a SUJ × 2^a OBJ
a. k-ineng-li
1A×2O-ver-REC 'Eu] [te] vi'
- ii) **y-** : 1^a SUJ × 3^a OBJ
b. y-eneng-li
1A×3O-ver-REC 'Eu] [o] vi'
- iii) **m-** : 2^a SUJ × 3^a OBJ
c. m-eneng-li
2A×3O-ver-REC '[Você] [o] viu'
- iv) **g-** : 3^a SUJ × 1^a OBJ
d. g-eneng-li
3A×1O-ver-REC '[Ele] [me] viu'
- v) **o-** : 3^a SUJ × 2^a OBJ
e. o-eneng-li
3A×2O-ver-REC '[Ele] [te] viu'

Quando os dois argumentos do verbo transitivo forem de terceira pessoa, acontece uma de duas coisas:

⁹ Sobre as diferentes perspectivas de análise do sistema pronominal nas línguas Karíb, consultar Gildea (1998) e Derbyshire (1999).

a) se os dois participantes não forem representados por nominais (SNs lexicais), isto é, forem pronominais nulos (*pro-drop*), somente o contexto pode eliminar a ambigüidade:

- (4) a. petkom Ø-eneng-li angpi
mulher 3A×3O-ver-REC menino 'A mulher viu o menino'
- b. [Ø_A] Ø-eneng-li [Ø_O]
3A×3O-ver-REC 'Ela/ele] [o/a] viu'
- c. pomri Ø-i-wong-li akari
rapaz 3A-3O-encontrar-REC onça 'O rapaz encontrou uma onça'
- d. [Ø_A] Ø-i-wong-li [Ø_O]
3A-3O-encontrar-REC 'Ele/ela] [o/a] encontrou'

b) se um dos argumentos for nominal e o outro apenas indicado pelo prefixo pronominal, ou se os dois forem nominais, a ordem dos nominais irá determinar a função sintática dos argumentos:

- (5) a. petkom Ø-eneng-li ugwon
mulher 3A×3O-ver-REC homem 'A mulher viu o homem'
- b. ugwon Ø-eneng-li petkom
homem 3A×3O-ver-REC mulher 'O homem viu a mulher'
- c. [Ø_A] Ø-eneng-li petkom
3A×3O-ver-REC mulher 'Ele] viu a mulher'
- d. petkom Ø-eneng-li [Ø_O]
mulher 3A×3O-ver-REC 'A mulher [o] viu'

c) Pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos podem funcionar como pronome de terceira pessoa ou como modificadores de nominais. Indicam a distância e animacidade da entidade em relação ao falante. Note-se que os sufixos *-n* e *-am* indicam o singular e o plural, respectivamente:

		DEMONSTRATIVOS	
		singular	plural
PRÓXIMO	Animado	ore-n	w-am
	Inanimado	ne-n	ney-am
DISTANTE	Animado	ugu-n	ugy-am
	Inanimado	mu-n	muy-am

Quadro 3: Pronomes demonstrativos

Abaixo, apresentam-se alguns exemplos com demonstrativos:

(6) i. funcionando como pronome de terceira pessoa:

a. *ugun* *pe - wa*
 ele:DIS:ANI:SG ATR-NEG ‘Não é ele’

b. *e-woy-n* *ïpe* *oren*
 3-roupa-GEN ATR ele: PROX:ANI:SG ‘Ele tem roupa’

ii. funcionando como modificador:

c. **ugun** *petkom* Ø-*anong-li* *emangatkuri* *biscoito*
 aquela mulher 3A3O-mandar-REC moça biscoito
t-erut-pot *angpi* *ïna*
 3-dar-NMZ menino DAT
 ‘Aquela mulher mandou a moça dar biscoito para o menino’

¹⁰ Huang parte de uma proposta feita por Ross (1982, *apud* Huang, p. 1), classificando as línguas, quanto à realização ou não dos pronomes, como *hot* ‘quentes’, quando não permitem o pronome zero (inglês e francês, por exemplo) e *cool* ‘frias’, quando permitem pronome zero (chinês, espanhol e português, por exemplo). No entanto, o autor alerta para o fato de que há restrições sintáticas que orientam a realização ou não dos pronomes, dependendo do tipo de argumento (sujeito ou objeto) e do tipo de estrutura onde se encontram (oração matriz ou subordinada).

¹¹ Informações sobre sujeito e objeto nulo no modelo de Princípios e Parâmetros podem ser obtidas em Raposo (1998: 327-341).

iii. funcionando como marca de retomada do sujeito

d. **ugun** angpi Ø-aranmenang pa keni Yokore gankan **ugun**
 aquela criança 3Sa-correr-CONT SUBR REL Iokoré filho ele
 ‘Aquele criança que correu (ela) é filha de Iokoré’

Note-se que em (6d) o primeiro *ugun* está modificando *angpi* e o segundo está retomando o SN *ugun angpi*.

1.2. Ikpeng: língua *pro-drop*

Línguas *pro-drop* são aquelas que permitem a omissão do pronome em função nuclear, ou seja, quando desempenham a função de sujeito (**S** e **A**, na nomenclatura de Dixon, 1994) e objeto (**O**, na nomenclatura de Dixon ou **P**, na de Comrie, 1989) da oração básica ou independente.

Assim, com relação à realização ou não de formas pronominais em posições argumentais nas orações independentes, as línguas podem ser agrupadas em, pelo menos, dois grupos: as que permitem a omissão dos pronomes em função nuclear e as que não permitem (C.- T. J. Huang, 1984: 531-533)¹⁰. Entre as primeiras, há aquelas que não permitem a omissão do objeto. Assim, o chinês, o japonês, o espanhol e o português se enquadram nas línguas do primeiro grupo, o inglês e o francês nas do segundo. Resumem-se, no quadro abaixo, as possibilidades de omissão, segundo proposta de C.- T. J. Huang (1984) e Y. Huang (1995)¹¹:

	<i>TIPO I</i> <i>Línguas Quentes</i>	<i>TIPO II</i> <i>Línguas Mornas</i>	<i>TIPO III</i> <i>Línguas Frias</i>
<i>Quanto à omissão dos pronomes nas posições argumentais</i>	• Não permitem omissão do pronome	• Restringem a omissão do objeto, mas permitem livremente a omissão do sujeito	• Permitem a omissão tanto do sujeito, como do objeto
<i>Exemplo</i>	• inglês e francês	• swahilli	• português e chinês

QUADRO 4: Classificação das línguas quanto à omissão do pronome em função nuclear/argumental.

¹² Esses enunciados foram ouvidos, transcritos e analisados por mim durante minha convivência com a comunidade. As traduções foram as dadas pelos Ikpeng, havendo apenas algumas adaptações gramaticais, cabendo a mim apenas as glosas e as interpretações gramaticais. Esses enunciados podem ser tomados como textos, pois envolvem aspectos pragmáticos e funcionais que vão além da estrutura e do significado descontextualizado.

A língua Ikpeng, a partir desse parâmetro, enquadra-se no terceiro tipo, porque permite a omissão tanto do sujeito quanto do objeto, sendo uma língua que apresenta concordância entre o verbo transitivo e seus dois argumentos. Apesar de se ter sustentado que a concordância influenciaria no apagamento dos argumentos nucleares, pois ela recobriria a função desse elemento na oração, observou-se que há línguas que permitem o apagamento desses constituintes sem possuir algum tipo de concordância que recubra sua função/ posição, sendo esse o caso do chinês. No entanto, a relação entre concordância e não realização do argumento continua sendo um fator a ser considerado no estudo das línguas com sujeito/objeto nulo (*cf.* comentários realizados por Y. Huang, 1995).

Para exemplificar a possibilidade de apagamento dos argumentos nucleares, apresentam-se alguns enunciados, ouvidos numa situação real de uso da língua¹²:

- (7) *Situação*: alguém retorna da pescaria e encontra um amigo.
Trava-se o seguinte diálogo entre eles:

A: m-aynku ‘[Você] pegou [peixe]’
 2A3O-pegar

B: y-aynku-li ‘[Eu] peguei [apenas um]’
 1A3O-pegar-REC

Ou, quando se pega mais do que um:

- (8) B: y-aynku-tke-li ‘[Eu] peguei [muitos peixes]’
 1A3O-pegar-ITER-REC

Observe-se que o apagamento ocorre não apenas quando a primeira e segunda pessoas, sempre marcadas nos verbos através de prefixos, não interagem com nominais, mas também em situações envolvendo SNs e pronomes demonstrativos, que funcionam como pronomes de terceira pessoa, ambos nem sempre recuperados via prefixo de terceira. No texto abaixo, a primeira pessoa é apagada e recuperada pelos prefixos **k-** e **i-** (\sim **y-**); a terceira pessoa e o nominal pode ser recuperado pelo prefixo de terceira **i-** ou não. Neste último caso, não há uma forma foneticamente realizada (prefixo ou pronome) que recubra a função do elemento elidido, sendo postulada uma forma **Ø-** prefixada ao verbo, como indicativo da não-marcação da 3ª pessoa¹³. Note-se que não há a realização de nenhuma forma pronominal livre (ou seja, pronomes) que retome o SN antecedente. No lugar do pronome foneticamente realizado, podemos postular a existência de uma forma pronominal zero ([**Ø**]), que está co-indexada ao SN antecedente. Portanto, ao contrário do que ocorre em algumas línguas, o Ikpeng não apresenta formas pronominais foneticamente realizadas que garantam a gramaticalidade das sentenças isoladas ou iniciais de um texto, como é o caso do inglês, onde a realização fonética de um pronome de terceira é exigida:

¹³ Note-se que a forma **Ø-** é postulada a partir de um contraste entre a realização da marca de terceira pessoa e sua ausência. Morfológicamente, portanto, sua indicação é necessária (para mais detalhes sobre marcação versus. não marcação, *cf.* Croft, 1990).

(9) Texto de Iokoré Ikpeng

a. **wayakeni**_i Ø-aynku-li t̃_i-mtagri_j g-alon
 socó 3A3O-pegar-REC dele-comida 1-frente
 ‘O socó_i pegou a comida_j dele_i na minha frente.’

b. [Ø]_i k-otxiket-poto [Ø]_i y -eneng-li
 1Sa-pescar-quando 1A3O-ver-REC

[Ø]_i tarik_m Ø-ayngku-lan g-alon
 peixinho 3A3O-pegar-PAS 1-frente
 Quando [eu]_i estava pescando, [eu]_i [o]_i vi pegando peixinho_m na minha frente.’

Ressalte-se que as línguas que permitem a realização de um pronome nulo têm, em seu inventário lexical, formas pronominais livres que são utilizadas em situações particulares da língua. Vejam-se os exemplos abaixo:

(10) *Situação*: se alguém passa pela casa de um amigo e é visto por ele, ocorre o seguinte diálogo:

A: arato? ‘O que foi?’

B: uro ‘Sou eu (que estou passeando por aqui)’
 Ou o que segue:

(11) A: omro? ‘É você?’

B: uro! ‘Sou eu (sim)’

O mesmo ocorre quando se faz referência à terceira pessoa demonstrativa:

(12) *Situação*: um grupo de pessoas vem chegando, então um falante diz a outro:

ugyam ‘São eles lá, chegando’

Quando se quer enfatizar a pessoa gramatical, a realização do pronome independente é requerida, mesmo estando a pessoa marcada no verbo, via prefixo pessoal. Observa-se isso em respostas a perguntas envolvendo pedido de informação nova, situação na qual o pronome aparece em foco:

(13) a. onok Ø-anumku muy?
 quem 3A3O-carregar canoa
 ‘Quem carregou/puxou a canoa?’ (PERG)

- b. UGUN Ø-anumku-li
 ele 3A3O-carregar-REC
 ‘Foi ele que carregou/puxou’ (RESP)
- c. URO y-anumku-li
 eu 1A3O-carregar-REC
 ‘Fui eu que carreguei/puxei’ (RESP)

1.3. Prefixo reflexivo de terceira pessoa: anáfora intra-sentencial

O prefixo reflexivo de terceira pessoa é empregado para marcar que um elemento, hierarquicamente mais alto na sentença, como o sujeito, é o possuidor de um elemento mais baixo, ou seja, de um nominal na função de objeto (como em (14a)) ou de oblíquo (como em (14b))¹⁴:

- (14) a. angpi_i Ø-ikore-li t_i-mya-r_i
 menino 3A3O-quebrar-REC REF-mão-POS
 ‘O menino quebrou a própria mão’
- b. Iokore_i t-eru-li karawato t_i-wari-Ø ña
 Iokoré 3-dar-REC gravador REF-amigo-POS para:DAT
 ‘Iokoré_i deu um gravador para o amigo dele_i’

Não há ainda uma investigação sobre o funcionamento desse afixo em casos envolvendo anáfora inter-sentencial (em construções multi-proposicionais/multi-sentenciais).

2. ELIPSE E REITERAÇÃO EM TEXTOS IKPENG

A elipse e a reiteração são estratégias de referenciação endofórica que se opõem, pois, no primeiro caso, tem-se a elisão ou apagamento do SN antecedente, e no segundo, a sua reiteração ou repetição. A elipse é chamada por alguns autores de anáfora zero, pois no lugar da elipse do SN pode-se postular a existência de um pronome nulo co-referencial, muito comum em línguas de sujeito e/ou objeto nulo. Conforme vimos na seção 1.2, o Ikpeng é uma língua desse tipo (*cf.* tb. Pacheco, 2001).

Dessa forma, diferentemente da abordagem de Halliday & Hasan (1976), não consideramos a elipse uma “substituição por zero”. Koch (1992: 26), partindo da proposta de Brown & Yule (1983), afirma que é preciso considerar que existem tipos diferentes de

¹⁴ A hierarquia da qual estamos falando é a proposta por vários autores funcionalistas, como Givón (1984), Van Valin (1993) e Comrie (1989), assim organizada: SUJEITO > OBJETO > OBLÍQUO. Essa hierarquia foi empregada para mostrar como funcionam os processos de relativização e formação de passivas/antipassivas, entre outros.

elipse, e que ela pode ter uma função (co)referencial e não, apenas, a de substituir por zero (\emptyset) um SN ou expressão presente num contexto anterior/posterior. Portanto, defende-se, neste trabalho, que a elipse seja considerada um tipo de estratégia anafórica/catafórica, incluindo-se entre os fenômenos relacionados à coesão referencial¹⁵.

Segundo Brown & Yule (1983, *apud* Koch, 1992: 25), as formas repetidas constituem um dos tipos de formas co-referenciais (ao lado da forma elidida, da forma parcialmente repetida, da substituição lexical e da forma substitutiva). Partiremos do pressuposto de que tanto a elipse como a reiteração de SNs funcionam como mecanismos de (co)referenciação em textos (Givón, 1983a; Ariel, 1996; e Levinson, 1991).

Postula-se, portanto, que a reiteração do SN antecedente não seja uma mera repetição, mas uma estratégia de manutenção do referente na memória, por causa de sua descontinuidade ou distância em relação ao antecedente. Do ponto de vista sócio-cultural, a repetição do SN, em situações de retomada do tópico discursivo ou não, é uma estratégia empregada para atrair a atenção do ouvinte sobre determinadas personagens nas narrativas mitológicas (histórias tradicionais), reforçando nomes, padrões de comportamento e eventos considerados importantes no sistema de valores da comunidade¹⁶.

A seguir, apresenta-se como se dá a elipse e a reiteração em textos narrativos da língua.

2.1. Elipse

Os tipos de elipse que iremos analisar aqui são a anafórica e a catafórica. Serão discutidos, nos exemplos, apenas os casos que envolvam a elipse de SNs lexicais, não sendo discutidos os que envolvem a elipse de pronomes pessoais, pois o apagamento desses elementos é recoberto pela concordância, sendo de fácil recuperação pelos interlocutores (*cf.* seção 1.1).

2.1.1. Elipse anafórica

Observe-se, no texto abaixo, o uso da *marca zero* ($\{\emptyset\}$) para indicar a *elipse* do SN sujeito e do SN objeto:

¹⁵ Koch (1992: 22) mostra que, para Halliday & Hasan, “a elipse seria uma substituição por zero: omite-se um item lexical, um sintagma, uma oração ou todo um enunciado, facilmente recuperáveis pelo contexto”. A autora define a substituição como a “(...) colocação de um item em lugar de outro(s) elemento(s) do texto, ou até mesmo de uma oração inteira”. Para Halliday & Hasan (1976) (*apud* Koch 1990: 21), a principal diferença entre substituição e referência seria que na primeira há total identidade referencial entre o item de referência e o item pressuposto, ao passo que na segunda ocorreria sempre alguma redefinição.

¹⁶ Tannen (1987) associa a reiteração a um efeito poético ou estilístico.

(15) Texto de Napiki Talugu Ikpeng

i) Parte I

- a) **Takpuru Ikpeng** \emptyset -otxike-li kīrīpnole
 Takpuru Ikpeng 3Sa-pescar-REC cedo
 t-orengpangetkera-ngmo umi ñna.
 3-estudante - COL comida DAT
 ‘Takpuru Ikpeng_i foi pescar cedo para a comida dos estudantes’
- b) [\emptyset_i] \emptyset -aynku-li itīng **wot_j**:
 3A3O-pegar-REC muito peixe
 txilupi, tūmotxipatkem, poru, yorogrī, amero, egepak.
 pintado pirarara jaú matrinchã tracajá tucunaré
 ‘[Ele_i] pegou muitos peixes_j: pintado, pirarara, jaú, matrinchã, tracajá, tucunaré’
- c) [\emptyset_i] \emptyset -arep-lan t-otxike-rem-towo kongonye.
 3Sa-chegar-REC 3-pescar-NMZ-PN ontem (à tarde)
 ‘[Ele_i] veio da pescaria à tarde’
- d) t-orengpangetkera-ngmo \emptyset – emoytke – li - ngmo man
 3-estudante-COL 3So-contente-REC-COL PART
 t-otxike-rem-towo_i itīng [\emptyset_i] \emptyset -aynku-t-potke **wot_j**.
 3-pescar-NMZ-PN muito 3-pegar-NPAS-por causa peixe
 ‘Os estudantes gostaram da pessoa que voltou da pescaria (=pescador)
 porque [ele_i] pegou muitos peixes_j’
- ii) Parte II
- e) **poryan arimtonget-keni_i anomet-keni_m** \emptyset – erro - lan \emptyset -anup - te
 comida cozinhar - NMZ ajudar-NMZ 3Sa - ir - PAS 3A3O-pegar-FIN
 [\emptyset_j] [\emptyset_m] \emptyset – anep - lan [\emptyset_j] arimtongetket - pot paraktxi
 3A3O-trazer-PAS cozinhar-LOC LOC
 [$\emptyset_{i/m}$] \emptyset -arimtong - lan **txelupi, yorogrī, egepak_j**.
 3A3O-cozinhar-PAS pintado matrinchã tucunaré
 ‘O auxiliar do cozinheiro foi pegar [os peixes_j] .[Ele_m] trouxe [os peixes_j] para a
 cozinha e [ele_{i/m}] cozinhou pintado, matrinchã e tucunaré.’
- f) **orewīnpiget-pin_n** [$\emptyset_{m/l}$] \emptyset – anep - lan kirīpnole
 restante- PN 3A3O-pegar-PAS cedo
 [$\emptyset_{m/l}$] \emptyset – arimtong - lan **ewīn - pin_n**
 3A3O-cozinhar-PAS resto - PN
 ‘Cedo, [ele_{m/l}] pegou o restante e [ele_{m/l}] cozinhou esse resto’

O SN *Takpuru Ikpeng*, na primeira parte do texto, está marcado com o índice ‘i’. Onde deveria estar esse SN, marcamos com [Ø_i]. A marca Ø- prefixada aos verbos indica terceira pessoa na função **Sa**, no verbo intransitivo, ou a relação A x O, nos verbos transitivos. Quanto à elipse de sujeito no texto, observou-se o seguinte:

- a) na primeira parte do texto, a marca zero preenche as posições onde o SN *Takpuru Ikpeng* deveria aparecer (vejam-se os trechos (15a), (15b), (15c) e (15d));
- b) na segunda parte, em (15e), a marca [Ø_m] está indicando que *anomet* é sujeito de Ø-*anep-lan* e a marca [Ø_j] está indicando que o sujeito de Ø-*arimtong-lan* é *arimtongetkeni*. Em (15f), há uma ambigüidade, pois não se sabe a quem a marca [Ø] esta relacionada, se é a [i] (*arimtongetkeni*) ou a [m] (*anomet*);
- c) quanto a *wot*, é o objeto elíptico, marcado com [Ø_j], em (15e).

Em alguns trechos, observou-se o uso de *formas remissivas referenciais*¹⁷ como:

- 1) *nominalização*, como se observou no trecho (15d), onde *totxikeremtwo* (=pescador) remete a *Takpuru*¹⁸;
- 2) *indicação dos membros de um conjunto*, como em (15e), onde *txelupi*, *yorogri*, *egepak* (‘pintado’, ‘matrinchá’ e ‘tucunaré’) remetem a *wot* (‘peixe’).

Observe-se, pois, que a língua não possui uma forma anafórica livre, foneticamente realizada, havendo na posição em que ela deveria ocorrer uma elipse, representada por [Ø], e que a morfologia flexional (marcação de pessoa e de número) encontrada no verbo parece recobrir a função do SN não realizado/apagado.

2.1.2. Elipse catafórica

A elipse catafórica envolve o apagamento de um SN num contexto lingüístico que antecede um outro no qual o SN, previamente apagado, realiza-se. Como ocorre com a elipse anafórica, a catafórica estabelece uma relação co-referencial, pois tanto o zero, como o SN realizado posteriormente, refere-se à mesma entidade. Segundo Givón (1990), esse fenômeno está relacionado à atribuição de importância (importância temática, neste caso) ao referente que está no discurso posterior/subsequente. Observe-se a elipse catafórica no texto que segue:

¹⁷ Koch (1992: 35-47) distingue as formas remissivas referenciais das formas remissivas não-referenciais, afirmando que as segundas “não oferecem ao leitor/ouvinte qualquer instrução de sentido, mas apenas instrução de conexão”, enquanto que as primeiras seriam aquelas que “além de fornecer, em grande número de casos, instruções de concordância, contêm, também, instruções de sentido, isto é, fazem referência a algo no mundo extra-lingüístico”. Como exemplos de casos relacionados ao primeiro tipo, a autora cita a *nominalização*, as *expressões definidas*, as *expressões sinônimas*, os *nomes genéricos*, os *hiperônimos*, entre outros.

¹⁸ Não está claro o significado de *totxikeremtwo*, que pode ser empregado, segundo os dados disponíveis, para designar tanto “pescaria” como “pescador”.

(16) Texto de Nawaki Ikpeng

Owro warantup [\emptyset_i] \emptyset - egakte - li man
 casa de dentro 3So - sair - REC PART
 i - mtarum - li **werem_i** tĩ_i - wemuku ñna
 3So-falar-REC cacique REF - pessoal DAT
 ‘De dentro da casa [ele_i] saiu e falou o cacique_i para o pessoal dele_i’

Note-se que a marca [\emptyset_i] está indicando que *werem* foi interpretado como sujeito da oração com o verbo *egakteli*, sendo o sujeito expresso da oração com o verbo *imtarumli*. As duas formas verbais são independentes, isto é, não há subordinação, havendo uma coordenação de orações, sendo a primeira a indicadora da primeira parte do evento (pois primeiro ‘o cacique saiu’, depois ‘falou ao seu povo’), carregando a marca *man*, indicando, assim, sua ‘prioridade’ em relação à segunda oração¹⁹.

Esse tipo de elipse aparece em menor número, se comparada à elipse anafórica. Em alguns contextos, sua ocorrência está relacionada a outros fatores gramaticais e pragmáticos, como deslocamentos de constituintes para posições mais salientes da sentença e tipo de ordem ou relação entre as orações que compartilham o mesmo referente (Givón, 1990: cap. 17).

2.2. Reiteração do SN

Abaixo, apresenta-se um texto onde a reiteração é empregada na remissão ao SN antecedente:

(17) Texto de Korotowĩ Ikpeng

a) Kĩrĩpnole \emptyset - otxike - li **ĩ - mano_i** **wot_j** yukutket.
 cedo 3Sa-sair - REC 1 - irmão peixe pegar
 ‘Bem cedo, **meu irmão** saiu para pegar **peixe** (isto é, pescar) **Meu irmão** pegou muito **peixe**: piau, pacu, piaba, peixe sabão’

b) **ĩ-mano_i** \emptyset - ayngku - li itĩng **wot_j**
 1-irmão 3A3O-pegar - REC muito peixe
 kotxi, polepa, karoyk, egemko man
 piau pacu piaba peixe-sabão PART
 ‘**Meu irmão** pegou muito **peixe**: piau, pacu, piaba, peixe sabão’

c) [\emptyset_j] \emptyset - aynku - li **ĩ-mano_i**.
 3A3O-pegar - REC 1-irmão
 [Esses foram os peixes que] pegou **meu irmão**

¹⁹ Sintaticamente, a partícula *man* é interpretada como posterior ao núcleo do predicado, ficando, neste caso, no escopo do primeiro predicado.

Note-se que *imano* em (17a) é repetido em todas as outras orações. Nos textos analisados na seção 2.1, ocorreu o contrário: os SNs apareciam elípticos.

A reiteração funciona, algumas vezes, como uma estratégia de redução da ambigüidade em contextos envolvendo, principalmente, entidades animadas ou humanas. Assim, quando há dois antecedentes potenciais para uma forma anafórica e o emprego de um outro tipo de estratégia não deixe claro qual é o antecedente, reitera-se o nominal ao qual se quer fazer referência:

(18) a. **pomri** Ø – eneng - li **akari**
 rapaz 3A3O-ver - REC onça
 Ø – aranme - li **akari** y - ungnó
 3Sa-correr - REC onça 3 - medo.de
 ‘O rapaz viu a onça e ela (a onça) correu com medo dele’

b. **pomri** Ø – eneng - li **akari**
 rapaz 3A3O-ver - REC onça
 Ø – aranme - li **pomri** y - ungnó
 3Sa-correr - REC rapaz 3 - medo.de
 ‘O rapaz viu a onça e ele (o rapaz) correu com medo dela’

c. **pomri** Ø – eneng - li **akari**
 rapaz 3A3O-ver - REC onça
 Ø – aranme - li **akari pomri** ungnó
 3Sa-correr - REC onça rapaz medo.de
 ‘O rapaz viu a onça e ela (a onça) correu com medo do rapaz’

Em (18a) e (18b), a reiteração dos referentes se faz necessária para não gerar ambigüidade, havendo dois SNs potenciais como antecedente. Assim, reiterando o SN ao qual se quer fazer referência, direciona-se o ouvinte para a interpretação (co-) referencial correta. O mesmo corre com (18c), ao se reiterar tanto *akari* como *pomri* na segunda oração.

2.2.1. Propriedades morfossintáticas do SN reiterado

A) O SN reiterado ocorre na forma reduzida

Em algumas situações, o SN reiterado conta com menos material morfológico em comparação com a morfologia encontrada no seu antecedente. Retomemos o trecho (15f) abaixo:

(19) orewĩpĩget - pĩn_n Ø - anep - lan kirĩpnole
 restante - PN 3A3O-pegar-PAS cedo
 Ø - arimtong - lan ewĩn - pĩn_n
 3A3O-cozinhar-PAS resto - PN
 ‘... cedo, [ele] pegou o restante e [ele] cozinhou esse resto’

Note-se que *orewĩnpĩgetpĩn* não foi reiterado integralmente, pois muitas das informações morfossemânticas contidas nesse antecedente já eram conhecidas pelo interlocutor, e, portanto, não mais necessárias na forma reiterada. Isso confirma a hipótese de Givón (1983a) de que quanto mais contínuo/acessível é o SN antecedente, menos material fonológico/gramatical é necessário para a sua retomada.

B) O SN reiterado ocorre na posição pós-verbal ou não marcada

O SN reiterado, por ser dado, funciona como um tópico não-marcado, ocorrendo na sua posição básica, ou seja, na posição pragmaticamente menos marcada (sobre a relação entre ordem básica e marcação pragmática, cf. Mithun, 1987)²⁰. Segundo Myhill (1994: 25-26), o tópico não-marcado representa entidades referidas num contexto imediatamente precedente, mas não envolvendo contraste com outra(s) entidade(s), como ocorre com o tópico contrastivo, em que a entidade referida ocorre num discurso (precedente) como parte de um conjunto, constituído por outras entidades, com as quais contrasta. Observe-se que na narrativa abaixo o SN reiterado, que no discurso precedente é o tópico discursivo, realiza-se na posição pós-verbal, considerada por Pacheco (2001) sua posição básica ou não marcada. O SN objeto reiterado na segunda parte do texto também está em sua posição não marcada, pois ocorre após o verbo e o sujeito (a reiteração em questão é indicada pelo traço sublinhado):

- | | | | |
|----------------------|---|----------|--------------------|
| A | V | O | |
| (20) a) iwari | t - wo - nang | pakupa | tĩ - wenten - pe |
| | 1-amigo 3-matar-CONT | garça | REF-artesenato-ATR |
| | ‘Meu amigo está matando garça branca para vender’ | | |

- | | | | | |
|------------|---|-----------------|-----------------|--------|
| ADV | V | A | O | |
| b) awetpĩn | kwam | i - wong - lan | <u>i - wari</u> | pakupa |
| lagoa | POSP:na | 3-encontrar-PAS | 1-amigo | garça |
| | ‘Meu amigo encontrou garça branca na lagoa’ | | | |

Observe-se que em (20b), o constituinte pragmaticamente marcado (informação nova) é o locativo *awetpĩn kwam* (‘na lagoa’).

Será necessário investigar, ainda, as propriedades prosódicas associadas ao SN reiterado (acento de altura ou intensidade e pausa). Os traços prosódicos associados aos constituintes pragmaticamente marcados podem confirmar nossas hipóteses sobre a relação entre ordem e codificação da informação nas sentenças e textos da língua.

²⁰ Mithun (1987: 295, seção 1.4. “Old versus new information”) mostra que a informação nova tende a ocorrer na posição pré-verbal e a informação dada na posição pós-verbal em línguas como Cayuga e Ngandi.

3. DISCUSSÃO

Nos textos apresentados, observou-se que tanto a elipse de SN (anáfora Ø), como as reiteraões do SN são consideradas formas referenciais, mas que podem desempenhar funções diferentes nos processos de referenciação anafórica, pois:

- a) a anáfora zero (elipse) funciona como meio de acesso ao SN mais saliente, isto é, o tópico ou foco discursivo, indicando, assim, sua alta continuidade e a não necessidade de sua marcação;
- b) a reiteração do SN nos contextos subseqüentes não está sempre associada à retomada de um SN com baixa acessibilidade, mas também relacionado a algum tipo de estratégia que procura conduzir o ouvinte a uma leitura co-referencial e disjunta ao mesmo tempo. E isso está associado a efeitos estilísticos e de manutenção da atenção sobre determinadas personagens que participam da narrativa.

Não se pode considerar, portanto, que o *SN repetido* é da mesma natureza que o primeiro SN mencionado (ativado), visto que aquele pode receber uma leitura co-referencial (por se relacionar a uma entidade já ativa, uma informação dada) e este último, não.

Ariel (1996: 22) afirma que o grau de acessibilidade de uma entidade mental, que serve como antecedente lingüístico, varia de acordo com dois fatores:

- i) alguns antecedentes representam entidades mentais inerentemente mais salientes, como o falante e o ouvinte (1ª e 2ª pessoas), tópicos discursivos e sentenciais, tópicos repetidos, e, em geral, humanos e entidades animadas;
- ii) a distância entre a última menção do antecedente potencial e a expressão anafórica correspondente determina quão acessível o antecedente é ao destinatário/ouvinte quando se interpreta a expressão anafórica potencial.

Além disso, a existência de dois ou mais antecedentes potenciais e o tipo de relação entre as sentenças e parágrafos de um texto podem interferir no emprego de uma ou outra estratégia de referenciação (Ariel, 1994 e 1996).

Para relacionarmos essas duas estratégias anafóricas dentro de um quadro que as considere complementares nos processos de referenciação, optou-se por tratá-las dentro de uma hierarquia de acessibilidade ao SN antecedente, demonstrada a seguir.

3.1. Hierarquia de acessibilidade ao SN antecedente

Partindo da proposta de Ariel (1994 e 1996), propõe-se a seguinte escala de acessibilidade ao SN antecedente para o Ikpeng:

$$(21) \quad \text{Anáfora zero} > \text{Pronome Demonstrativo} > \text{SN pleno}$$

\longleftarrow
 \longrightarrow

ALTA ACESSIBILIDADE BAIXA ACESSIBILIDADE

O emprego da anáfora zero (elipse do SN) é encontrado quando se está diante de um SN antecedente que representa uma entidade altamente acessível ou discursivamente saliente. O SN repetido, por outro lado, indica que o antecedente possui baixa acessibilidade ou é discursivamente menos saliente (Ariel, 1996). Assim, quanto mais acessível é o SN antecedente, mais os recursos da esquerda são encontrados, e quanto menos acessível ele for, mais os recursos da direita o serão. Proposta semelhante foi defendida por Givón (1983a, 1983b e 1995) e Levinson (1991) (*cf.* discussão realizada em Huang, 2000; e Ariel, 1994 e 1996).

Na escala, observe-se que a anáfora zero e o SN realizado se opõem e que o pronome demonstrativo é intermediário nessa oposição. No entanto, há fatores que devem ser levados em conta no emprego do pronome demonstrativo, no lugar da elipse e da reiteração do SN. Esses fatores estão relacionados ao tipo de construção que aloja tanto o antecedente, como a forma (co)referencial. Assim, quando a oração que aloja o antecedente e a forma anafórica possui um predicado não-verbal e o auxiliar, que hospeda as marcas de concordância, está ausente, então a realização do pronome demonstrativo é requerida:

(22) Texto de Iokoré Ikpeng

a. ìnut ìnarut_i keni ningkìn **wam_i** man orem yukutkeni.
 minha tia minha irmã e PL elas PART música cantadoras
 ‘Minha tia e minha irmã, **elas_i** são cantadoras de músicas’

b. **wam_i** kon **wam_i** man yukuni
 elas apenas elas PART cantadoras
 ‘Somente **elas_i** são cantadoras’

Acrescente-se que a morfologia flexional encontrada no verbo ou no auxiliar participa, de alguma forma, dos processos de referenciação anafórica, pois indica a função sintática dos SNs no núcleo verbal da oração. Dessa forma, mesmo não havendo a realização do SN, sua função é inferida da marcação de pessoa, obrigatória nas construções verbais e naquelas com auxiliar. A ausência de flexão nas construções não-verbais sem auxiliar ocasiona mudanças na forma de marcar as funções sintáticas, sendo necessário o preenchimento das posições sintáticas nucleares, não recobertas pelos prefixos pessoais, com as formas demonstrativas, que indicam a terceira pessoa (*cf.* informações contidas na seção 1.1).

A hierarquia tenta, pois, dar conta do uso da elipse, relacionada à alta acessibilidade do antecedente, em contraposição ao uso dos pronomes demonstrativos e nomes plenos, relacionados à baixa acessibilidade. A concordância funciona como mecanismo subsidiário, garantindo, via morfologia, a coesão referencial e a correta interpretação dos referentes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretende-se, em futuras pesquisas sobre esse tema, proceder à análise quantitativa dos dados acima discutidos, relacionando as estratégias de referenciação - elipse (\emptyset),

pronome e reiteração do SN - ao tipo e função sintática do SN/argumento antecedente, com vistas a oferecer uma adequada descrição do fenômeno e fundamentar uma explicação cognitivo-funcional que tome por eixo (explicativo) a hierarquia de acessibilidade e as estratégias de ativação do referente sobre o qual o discurso narrativo é construído.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIEL, M. (1990). *Assessing noun-phrase antecedents*. London: Routledge.
- _____.(1994). Interpreting anaphoric expressions: a cognitive versus a pragmatic approach. *Journal of Linguistics* 30: 3-42.
- _____.(1996). Referring expressions and the +/- coreference distinction. In: T. Fretheim & J. K.Gundel (ed.). *Reference and referent accessibility*, p. 13-35. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- BROWN, G. & G. Yule. (1983). *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CAMPETELA, C. (1997). *Análise do sistema de marcação de caso nas orações independentes da língua Ikpeng*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Campinas: UNICAMP.
- _____.(2002). *Aspectos prosódicos da língua Ikpeng*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP.
- CROFT, W. (1990). *Typology and universals*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DERBYSHIRE, D. (1985). *Hixkaryana and Linguistic Typology*. Dallas: SIL/The University of Texas at Arlington.
- _____. (1999). Carib. In: R. M. W. Dixon & A. Y. Aikhenvald (eds.). *The Amazonian languages*, p. 23-64. Cambridge: Cambridge University Press.
- EMMERICH, C. (1980). *Fonologia segmental da língua Txikão: um exercício de análise*. Linguística X. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ.
- _____.(1994). The Txikão language: Fricatives or no fricatives? *Revista Latinoamericana de Estudios Etmolingüísticos* 8: 65-72. Linguística Tupi-Guarani/Carib.
- GILDEA, S. (1998). *On reconstructing grammar: comparative Cariban morphosyntax*. Oxford: Oxford University Press.
- GIVÓN, T. (1983a). Introduction. In: T. Givón (ed.) *Topic continuity in discourse: a quantitative cross-language study*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.
- _____.(1983b). Topic continuity in discourse: the functional domain of switch-reference. In J. Haiman & P. Munro (eds.). *Switch reference and Universal Grammar*, p. 51-82. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.
- _____.(1984). *Syntax: a functional-typological introduction*, Vol. I. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins.
- _____.(1990). *Syntax: a functional-typological introduction*, Vol. II. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.
- _____.(1995). *Functionalism and grammar*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.
- HALLIDAY, M. A. K. & R. Hasan. (1976). *Cohesion in English*. Londres: Longman.
- HUANG, C. - T. J. (1984). On the distribution and reference of empty pronouns. *Linguistic Inquiry* 15: 531-574.
- HUANG, Y. (1995). On null subjects and null objects in Generative Grammar. *Linguistics*, 33:1081-1123.
- _____.(2000). Discourse anaphora: four theoretical models. *Journal of Pragmatics* 32: 151-176.

- IKPENG, Professores (2001). *Ikpeng orempanpot*. São Paulo: ISA/FUNAI.
- KOCH, I.V. (1992). *A coesão textual*. 5. ed. São Paulo: Contexto.
- _____.(2002). *Desvendando os mistérios do texto*. São Paulo: Cortez.
- LEVINSON, S.C. (1991). Pragmatic reduction of the binding conditions revisited. *Journal of Linguistics* 27: 107-161.
- MARCUSCHI, L.A. (1983). *Linguística de texto: o que é e como se faz*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- MENGET, P. (2001). *Em nome dos outros: classificação das relações sociais entre os Txikão do Alto Xingu* (Trad. de Gonçalo Praça). Lisboa: Assírio & Alvim/Museu Nacional de Etnologia.
- PACHECO, F.B. (1997). *Aspectos da gramática Ikpeng (Karíb)*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Campinas: UNICAMP.
- _____.(2000). Elipse em textos Ikpeng. Texto apresentado para qualificação na área de Linguística Textual. Campinas: IEL/UNICAMP. mimeo.
- _____.(2001). *Morfossintaxe do verbo Ikpeng (Karíb)*. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: UNICAMP.
- RAPOSO, E. (1998). *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*, 2. ed. Lisboa: Caminho.
- TANNEN, D. (1987). Repetition in conversation: toward a poetics of talk. *Language* 63: 574-605.

Recebido: 18/08/2003

Aceito: 17/12/2003